

Saúde financeira de mulheres negras é mais crítica na pandemia da covid-19

Pesquisa revela os medos e dificuldades de empreendedoras e empregadas em companhias nacionais e multinacionais

[\(Exame, 06/05/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Apesar de todos estarem sujeitos a contaminação do novo [coronavírus](#), a pandemia não atinge as pessoas da mesma forma.

No atual e crítico cenário de saúde, na capital paulista, por exemplo, pretos têm 62% mais chance de morrer vítimas da covid-19 quando comparados com brancos. Entre pardos a chance é 23% maior, segundo dados divulgados pela Secretaria Municipal de Saúde no último dia 28.

As dificuldades da população [negra](#) se tornam ainda maiores quando dividas por gênero. Representando 28% dos brasileiros, as [mulheres](#) negras estão 50% mais suscetíveis ao desemprego do que outros grupos, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

De olho nesse cenário, foi lançada a pesquisa **Saúde [Financeira](#) de Mulheres Negras na pandemia da covid-19** por meio de uma parceria entre o Instituto Identidades do Brasil, a Comunidade Empodera, a organização EmpregueAfro e a Faculdade Zumbi dos Palmares. A partir de 250 entrevistadas de 19 estados, as mulheres foram identificadas em três grupos profissionais: alocadas em empresas nacionais (20%), alocadas em empresas multinacionais (7,8) e empreendedoras (72%).

Das [empreendedoras](#), 47% tem medo de perder os clientes ou o empreendimento, e 38% tem medo de ficar doente e não conseguir trabalhar. Para 44% delas, o capital de giro é de apenas um mês, e somente 4% das entrevistadas têm capital de giro para 4 a 6 meses, mesmo que o valor médio para sustentar a instituição seja de até 5 mil reais em 56% dos casos.

“A maior preocupação é com a manutenção das despesas fixas. Minha reserva é de um mês apenas”, diz uma empreendedora do ramo jurídico identificada na pesquisa como R.C.

Para as negras em companhias nacionais e multinacionais, o medo de perder o emprego aflige 76,5% das entrevistadas, seguido por 13,2% do receio de ficar doente e não poder trabalhar. O temor faz também com que 40% sintam a necessidade de apoio psicológico.

Para os idealizadores da pesquisa, a pandemia torna a situação financeira das mulheres negras ainda mais crítica, visto que a ajuda mensal de 600 reais no auxílio-emergencial é insuficiente para a manutenção dos negócios, o que impacta diretamente na sustentabilidade do empreendimento e da sua subsistência pessoal.

As dificuldades trazidas pela pandemia do novo coronavírus, podem então, servir também como base para a construção de mecanismos e políticas públicas e privadas que apoiem à subsistência dessas mulheres negras, seus empregos, negócios, e conseqüentemente a sociedade como um todo.

Por Marina Filippe

Mulheres negras sofrem mais com a violência obstétrica; ouça debate

Socióloga e médica falam sobre o assunto no podcast 40 Semanas

[\(Folha de S.Paulo, 04/05/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) 140 milhões de partos são feitos todos os anos no mundo, No entanto, é difícil precisar quantos foram

violentos.

O termo violência obstétrica vem ganhando fôlego no mundo e ajudando a estabelecer limites na relação entre gestante e equipe médica. Aqui no Brasil, um levantamento da Fundação Perseu Abramo aponta que violência obstétrica atinge uma em cada quatro mulheres brasileiras.

As agressões, no entanto, são ainda maiores quanto há um recorte racial. Mulheres negras têm mais chances de terem atendimento negado, peregrinar até achar uma maternidade, serem impedidas de ter acompanhante durante o parto, não receberem anestesia para alívio da dor e ouvirem diferentes agressões verbais.

Os exemplos acima são alguns dos citados pela doula Daniela Rosa, mestre em sociologia pela Unicamp e educadora e pela médica Denise Ornelas, mestre em saúde da família pela Unifesp. Elas participaram do episódio desta semana. [***Ouçã aqui.***](#)

Renan Sukevicius e Melina Cardoso, do Blog Maternar, acompanham três mulheres grávidas ao longo de 40 semanas, que é o tempo médio de uma gravidez.

Como num reality show em áudio, eles debatem a cada episódio um assunto diferente pautado pelas três personagens principais e pelas angústias, medos e alegrias vividas por mães mundo afora.

Publicado semanalmente, o 40 Semanas está disponível no site da Folha e em todas as plataformas que disponibilizam podcast, como Spotify, Deezer, Apple Podcasts, Google Podcasts, Castbox, Pocket Casts, Stitcher e TuneIn, entre outras. Em aplicativos, o usuário pode assinar —sem qualquer custo— o podcast, passando assim a receber notificações quando novos episódios são publicados.

Da janela, medo, culpa e união: os relatos do confinamento nas periferias

Com reportagem de Jéssica Ferreira, especial para o blog MULHERIAS

[\(Universa, 01/05/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Pedimos para mulheres das periferias compartilharem seu olhar sobre as quebradas nesses dias difíceis. Recebemos vídeo-poesias, fotos, música e relatos sobre transformações pessoais e de suas comunidades.

“A pandemia acabou por nos tirar a perspectiva de como e do que será o futuro”, resume a cantora, compositora e comunicadora Nayra Lays, há mais de um mês em confinamento em sua casa no Grajaú, no extremo Sul de São Paulo.

Do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, a rapper, poeta e produtora MC Martina, 22, conta que também não vê horizonte. “As pessoas estão assustadas, próximas do estágio de desespero. Quando saem de casa é para ir buscar o pão de cada dia, ainda que retornem sem dinheiro.” .

De Campinas, no interior de São Paulo, o relato da fotógrafa Fabiana Ribeiro, 45, é desalentador. “Meu olhar é pela câmera, pelas lentes. Por isso fui registrar a distribuição de alimentos em uma comunidade extremamente vulnerável e testemunhei um Brasil que não tem aplicativo de celular para cadastramento de benefício nenhum. Porque antes disso falta água, falta moradia, falta rua, falta acesso mínimo ao que se chama de direitos, falta tudo. Vejo, infelizmente, muita fome. O que salva é a solidariedade.”

Em comum, todas falam do enfrentamento de um dia de cada vez. “Nada será como antes”, acredita Martina. “O futuro é a próxima pequena atividade do dia”, completa Nayra. “Ou a próxima cesta básica a chegar nas favelas”, diz Fabiana. Acompanhe as histórias de quem testemunha a pandemia de perto.

“Meu movimento também tem o poder de inspirar pequenas curas coletivas”.

“Semana passada fez um mês que estou em casa. As poucas e necessárias saídas à rua me deixam em um alerta quase paranoico. Aqui no Grajaú, as ruas seguem cheias de gente. Um mercado pintou no chão a distância necessária entre as pessoas na fila do caixa mas nem todos respeitam. Minha mãe, que é auxiliar de enfermagem num posto de saúde, não teve a opção de parar de trabalhar.

Tenho sorte de poder fazer home office e seguir remunerada. Trabalho em Pinheiros, a cerca de 1h de condução. Sou articuladora de juventudes brasileiras na ong EmMovimento. Com meu irmão mais velho, de 24, foi diferente. Ele foi demitido do restaurante que fornecia alimentos para empresas de aviação. Uma pena. Ele estava tão feliz... Tinha conseguido emprego depois de um ano parado. Está morando agora com a noiva, que tem um salão de beleza e, por incrível que pareça, segue atendendo. Não compreendo por que fazer unhas ou sobrancelhas em plena pandemia. Tenho muito medo de minha cunhada se contaminar.

[Veja reportagem completa neste link.](#)

Por Flávia Martinelli

Thelma vence o BBB 20 e mostra ao Brasil que lutas feminista e antirracista têm que andar

juntas

A médica não se calou diante do machismo e nem diante do racismo durante o confinamento

[\(O Globo/Celina, 28/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Essencialmente, o “**Big Brother Brasil**” é um programa de entretenimento. Mas, inevitavelmente, ele acaba evidenciando problemas que estão presentes no nosso dia a dia e levantando questões que transcendem um reality show. Não foi a primeira vez que o **machismo** e o **racismo** estiveram na pauta do programa — seja entre seus participantes, seja no debate público nas redes sociais. O inédito no “**BBB 20**” foi que estas discussões fizeram parte da essência da narrativa do programa, dentro e fora da casa, e culminaram na bela (e esperada por muitos) [vitória de Thelma Assis](#) na noite desta segunda-feira (27).

O diferencial do BBB 20, para além do fato de o elenco, pela primeira vez, ser composto por anônimos e famosos, já começou a despontar na segunda semana de confinamento. Depois da formação do segundo paredão, [todas as participantes mulheres se uniram para confrontar os brothers que confabulavam uma estratégia machista](#) para se dar bem na disputa.

O plano de boa parte dos meninos da casa — **Babu Santana, Pyong Lee** e **Victor Hugo** não estavam envolvidos — era seduzir (alô, autoestima!) as participantes comprometidas para que elas tivessem alguma atitude que seria desaprovada pelo público, eliminando suas chances de se dar bem na disputa. **Lucas Galina** e **Petrix Barbosa**, que participavam da estratégia, também tinham namoradas fora da casa, mas contavam com a certeza de que um “deslize” da parte delas seria muito mais mal visto que qualquer comportamento desleal deles. Uma ilustração perfeita de como o machismo estabelece [uma dupla moral para homens e mulheres na sociedade](#).

O plano tinha sido revelado para **Marcela** e **Gizelly**, que depois da formação do segundo paredão, decidiram abrir o jogo e contar a estratégia para as companheiras de confinamento. E elas não deixaram barato. Unidas — mais um ineditismo dentro do reality show — confrontaram os participantes que

sabiam que estavam por trás do que apelidaram de “**teste de fidelidade**”, especialmente **Hudson**, tido por elas como o criador da jogada. Fora da casa, o público sabia do envolvimento dos outros.

O embate definiu o que viria a ser o principal fio condutor do BBB 20: a união das mulheres contra as atitudes machistas dos participantes. Marcela ganhou protagonismo, especialmente depois que os participantes da **casa de vidro** entraram no confinamento e confirmaram sua versão dos fatos, e chegou a ser considerada favorita ao prêmio. Os brothers não entenderam que não poderiam fugir de ser confrontados com suas próprias atitudes machistas. Por mais que tentassem se convencer que “aquilo era um jogo” e que valia tudo, o público — especialmente o feminino, muito mobilizado nas redes sociais — não perdoou.

Ao longo das semanas, todos os envolvidos na estratégia do “teste de fidelidade” ou que tiveram outras atitudes machistas dentro da casa — Petrix e Pyong foram acusados de assédio e Guilherme de ter comportamentos abusivos no seu relacionamento com Gabi — foram sendo eliminados.

A disputa poderia parecer mais ou menos definida, mas outra história se desenrolava paralelamente e seu protagonista era o ator **Babu Santana**, que já tinha uma torcida grande fora da casa. O participante foi constantemente enviado ao paredão sob justificativas rasas de boa parte das sisters que haviam se unido no início do programa — especialmente Marcela, Gizelly e Ivy. Enquanto o grupo, batizado de “comunidade hippie” por Manu Gavassi, era tolerante com os comportamentos de Daniel, um homem branco que perdia estalecas a todo minuto por descumprir as regras do confinamento, taxavam Babu, um homem negro, de “monstro” e “agressivo” e o isolavam.

Em entrevista à [Celina](#) publicada no dia 20 de março, a socióloga **Winnie Bueno** explicou que atribuir a todo momento a agressividade a uma pessoa negra, seja ela homem ou mulher, é um [exemplo de estereótipo racista](#). “Essa ideia pode justificar, por exemplo, o tratamento que a polícia dá à população negra. Porque se esses homens e mulheres são agressivos, o estado tem permissão para ser agressivo também”, afirmou.

As atitudes consideradas racistas foram criticadas por boa parte do público e

as “fadas sensatas” perderam a popularidade. Dentro da casa, elas foram confrontadas pela amiga **Thelma Assis**, que desde o início do programa também se identificara e mantinha uma amizade com Babu, apesar de ambos participarem de grupos diferentes no jogo. As participantes inclusive questionaram a lealdade de Thelma a Babu, sem entender (ou querer entender) que ao tratá-lo dessa forma estavam reproduzindo o racismo e acabaram isolando a anestesista também.

A própria Thelma ouviu comentários racistas dentro da casa e enfim se aproximou de **Rafa** e **Manu**. A perseguição a Babu e o isolamento de Thelma fez com que o trio se afastasse das outras participantes e se aproximasse do ator. O quarteto chegou a semi-final junto.

Faltou as outras participantes, e a boa parte das mulheres brancas que acompanhavam o programa, entender que pouco adianta lutar para que a sociedade se livre dos seus comportamentos e vícios machistas se não lutarmos para que os comportamentos e vícios racistas também sejam abolidos.

Se o desfecho do programa tivesse sido outro, acharia que não tínhamos aprendido nada nestes quase cem dias de confinamento televisionado. Mas [a vitória de Thelma](#), além da sua potente **representatividade**, mostra que BBB 20 ensinou muita coisa a muita gente, inclusive a mim. Thelma se manteve coerente com aquilo que acreditava, apontou as falhas nas atitudes das próprias amigas e não calou, nem diante do machismo e nem diante do racismo. Thelma é exemplo de força e de coragem e mostra que a luta feminista será [antirracista](#) ou não será.

Por Leda Antunes

Morre Theodosina Ribeiro, a primeira vereadora negra eleita em São Paulo

Theodosina Rosário Ribeiro (à esq.) foi eleita vereadora em 1970 e deputada estadual em 1974

[\(Universa/UOL, 23/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Theodosina Rosário Ribeiro, a primeira mulher negra eleita para o cargo de vereadora na cidade de São Paulo, em 1970. Quatro anos depois, ela conquistava uma cadeira na Assembleia Legislativa, como deputada estadual pelo então MDB.

Nascida no dia 20 de maio de 1930, em Barretos, no interior do estado, ela estudou Letras na Universidade de Mogi das Cruzes e foi para a capital paulista trabalhar como professora. Theodosina também atuou como diretora de escola e advogada.

Foi em 1968 que Theodosina iniciou a vida política para, dois anos depois, se tornar a segunda vereadora mais votada da cidade. Em sua carreira, procurou combater as desigualdades, principalmente nas que se refletem em mulheres e homens negros.

Fundos emergenciais levam socorro a microempreendedores

negros e mulheres

Recursos vão para donos de pequenos negócios informais, sem capital de giro e esquecidos pelos bancos

[\(Folha de S.Paulo, 14/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Fundos emergenciais e editais voltados para microempreendedores negros e mulheres tentam levar socorro econômico a negócios em favelas e periferias [impactadas pelo coronavírus](#).

“Os micro e nano empreendedores negros e as mulheres estão na base da base da pirâmide social. É a parte da população que já estava mal financeiramente antes da [pandemia](#). Portanto, os mais vulneráveis nesse momento”, diz Rosenildo Ferreira, cofundador da aceleradora Vale do Dendê, que desde 2017 atua na periferia de Salvador.

MONITOR DAS DOAÇÕES COVID 19

2.287.836.439

reais doados como resposta à COVID 19

Portal monitordasdoacoes.org.br é atualizado diariamente com dados públicos - Reprodução

A aceleradora é uma das integrantes da coalizão [Éditodos](#), que reúne vários atores do ecossistema de [empreendedorismo negro](#) no Brasil.

Para fazer frente a esse momento, a [Éditodos](#) criou o Fundo Emergências Econômicas para arrecadar R\$ 1 milhão com empresas privadas, para fornecer apoio financeiro a estes nano empreendedores.

[Itaú Unibanco](#), Assaí Atacadista, Instituto C&A e Fundação Arymax são as primeiras empresas e instituições a aderirem ao fundo emergencial.

“Captamos cerca de 50% e não queremos parar por aqui”, diz Ferreira.

A emergência também econômica deve afetar milhões de empreendedores em comunidades de todo o Brasil. “É um contingente que não tem acesso à rede bancária e vive do dia a dia de seu negócio”, diz Ferreira.

A meta é apoiar com até R\$ 2.000 cerca de 500 empreendedores ligados ao Vale do Dendê, em Salvador; à Agência Solano Trindade, Afrobusiness e Feira Preta, em São Paulo; à FA.VELA, em Belo Horizonte; e ao Instituto Afrolatinas, no Distrito Federal.

É a quituteira que tem um núcleo de marmitas, o micromercado familiar cuidado por pai e filho, a pizzaria caseira, que faz entrega.

Pequenos negócios que geram emprego e [renda nas comunidades](#). De acordo com o levantamento do Fundo Emergências Econômicas, 82% dos empreendedores negros não têm CNPJ.

“Esses micro e nano empresários são ricos demais para o Bolsa Família e pobres demais para o Sebrae. A maior parte deles são ‘desbancarizados’”, diz Ferreira.

O valor de R\$ 2.000 vai ajudar a criar um fluxo mínimo de caixa, pagar aluguel e segurar a sustentabilidade do negócio na crise. O socorro para contas emergenciais será distribuído a partir de critérios definidos por uma comissão.

“O recurso será destinado para os mais vulneráveis da rede das organizações que somam quase mil empreendedores. A ideia é apoiar emergencialmente aqueles com mais dificuldade nesse momento por meio dessa seleção interna”, explica Adriana Barbosa, CEO da Feira Preta/Preta Hub e uma das líderes da Éditodos.

Integrante da [Rede Folha de Empreendedores Sociais](#), Adriana acredita que, por mais que as cestas básicas sejam essenciais nesse momento, é importante não perder de vista o apoio financeiro, para manter a dignidade das pessoas.

“Muitas vezes a desmonetização deixa efeitos residuais que precisam ser mitigados. Tudo o que essas pessoas não precisam é ter mais uma dívida para pagar”, diz.

A ajuda também gera de renda dentro das comunidades. “Se a pizzaria local está aberta, o cara que recebeu os R\$ 600 do governo vai gastar ali mesmo”, diz Ferreira.

Em uma segunda etapa, também está prevista uma série de ações educacionais e de orientação pelas organizações que fazem parte da coalização, por meio de lives, e-books e WhatsApp, com informações e dicas para melhorar a sustentabilidade desses negócios.

“Vamos levar a caixa de ferramentas da classe média alta para as periferias”, afirma Ferreira. ssoas e financiamentos para o apoio a projetos de promoção da [equidade racial](#) para a população negra no Brasil.

O Fundo Baobá acaba de lançar também um edital voltado para comunidades no [combate ao coronavírus](#). A ideia é captar até R\$ 2 milhões, dos quais R\$ 600 mil já estão disponíveis. Cada projeto selecionado receberá até R\$ 2.500.

“É um edital que vai além da [filantropia](#) tradicional, pois não se trata apenas de doações, mas de contribuir para a resiliência das comunidades e de fortalecer suas lideranças”, diz Selma Moreira, diretora do Fundo Baobá.

Em meio à [pandemia do coronavírus](#), ela reforça que a população negra precisa de atenção especial. “É uma crise que poderá agravar ainda mais a desigualdade racial no Brasil, em suas vertentes individual, sociocultural, ambiental e econômica.”

Em outra iniciativa, focada no empreendedorismo feminino, a Visa e Instituto Rede Mulher Empreendedora anunciaram o projeto de eventos digitais Elas Prosperam. Nesta terça-feira (14), acontecerá a segunda live do projeto. A transmissão poderá ser acompanhada a partir das 17h pelo Instagram da Rede Mulher Empreendedora.

O objetivo é fomentar a criação de redes empreendedoras locais e capacitar gratuitamente mulheres de todo o país, levando lições de empreendedorismo

e educação financeira.

Elas Prosperam faz parte do programa Cidades do Futuro, da Visa, que desenvolve ativações para gerar impactos econômicos positivos em meio à [crise gerada pela Covid-19](#).

“O conteúdo será focado em dicas de empreendedorismo e [educação financeira](#), fundamentais para quem precisa administrar seu próprio negócio”, diz Sabrina Sciama, diretora de Comunicação Corporativa da Visa do Brasil.

As empreendedoras poderão se inscrever em seis grupos online nas cidades de São Paulo, Manaus, Teresina, Anápolis, Cascavel e Caruaru.

“Para o Instituto RME é gratificante ter parceiros estratégicos, com o propósito de auxiliar a jornada das [mulheres empreendedoras](#), oferecendo capacitação para conquistarem autonomia financeira e mudarem suas vidas e de todos à sua volta”, afirma Ana Fontes, presidente da Rede Mulher Empreendedora.

Com 750 mil empreendedoras conectadas, a organização conta com um programa de aceleração, o RME Acelera, com cursos intensivos e trilhas de conhecimento online e gratuita para quem quer empreender.

SERVIÇO

Éditodos

Para mais informações sobre o Fundo Emergências Econômicas ou como as empresas podem doar acesse www.editodos.com.br ou envie um email para contato@editodos.com.br.

Mais informações: <http://www.valedodende.org> @valedodende.

Fundo Baobá

Para ter acesso às regras do edital acesse: www.baoba.org.br

Rede Mulher Empreendedora

Para saber mais sobre o projeto Elas Prosperam e se inscrever, acesse: www.rme.net.br

A vida das mulheres em tempos de pandemia, por Hildete Pereira de Melo

Um dos temas que a covid-19 trouxe à tona para a sociedade brasileira foi a dimensão da divisão sexual do trabalho em relação ao trabalho não-pago realizado para a reprodução da vida no interior das famílias

[\(Nexo, 13/04/2020 - acesse na íntegra no site de origem\)](#)

Foi em um cenário de uma economia estagnada que explodiu a crise da saúde e o Brasil, aos trancos e barrancos, teve que parar para contragosto do presidente da República. No dia 24 de março de 2020, a ONU Mulheres lançou um apelo a todos os países da América Latina e do Caribe para que dessem uma atenção especial às mulheres. E, nesta crise da covid-19, é preciso assegurar que as vozes — necessidades e demandas — das mulheres estejam no centro da resposta dos governos (federal, estaduais e municipais), nas políticas públicas de atendimento à população como resposta à crise. Porque elas são essenciais na luta contra a covid-19, ao enfrentarem os desafios dos cuidados, na família e no trabalho, como profissionais da saúde, trabalhadoras domésticas, trabalhadoras informais. Na miudeza da vida cotidiana da família e do trabalho, elas serão as mais afetadas pela crise. Mas são ignoradas pelas políticas econômicas sociais do atual governo.

O trabalho está na base da produção do viver em sociedade e é um mediador das relações das pessoas, também é por meio dele que se organiza o exercício do poder e a dominação na sociedade. No Brasil, ao longo dos últimos 70 anos, a participação das mulheres na força de trabalho cresceu, de 13,6% da PEA (População Econômica Ativa) em 1950, para 44,1% em

2000 (IBGE, Censos, 1950 e 2000) e, desde então, essa participação continua nesse patamar até 2017. Portanto, continua proporcionalmente menor que a dos homens ao longo dessas décadas. A importância desses números é que eles atestam que, na vida cotidiana, há uma dependência econômica das mulheres e que nos segmentos mais pobres da população isso é ainda mais dramático, sobretudo quando se consideram as mulheres pretas e pardas.

[...]

[Acesse este artigo na íntegra no site do Nexo](#)

Crise tem cor e gênero, por Flávia Oliveira

Negros e mulheres enfrentam as maiores taxas de desemprego

[\(O Globo, 10/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Na derradeira aglomeração, antes de o coronavírus se impor como ameaça Brasil afora, estive com Nikole Hannah-Jones, jornalista negra que coordenou o Projeto 1619 do “New York Times”. A convite do IMS-SP, participamos no Festival Serrote da mesa em que ela relatou a experiência de contar a História dos EUA, a partir da chegada do primeiro navio com africanos escravizados, há 401 anos, em vez da versão que parte da Declaração de Independência, de 1776. No Brasil, o historiador Luiz Felipe de Alencastro identificou o primeiro desembarque de cativos em 1550, em Pernambuco; com o tráfico negreiro se estendendo até os anos 1850. Nos dois países, séculos de escravidão legaram aos afrodescendentes condições precárias de trabalho, habitação, níveis de renda e bem-estar. Era assim pré-pandemia; pós, assim será.

racA última pergunta a Nikole foi sobre os efeitos na população negra

americana da temporada de enfrentamento à Covid-19. “Não tenho ideia de qual será o impacto total, mas é algo previsível. Seremos os mais afetados, porque não há rede de proteção para quem não consegue ir ao trabalho; não tem creche, quando escolas fecham; perdem receitas, quando têm de cuidar de um ente amado. Ficará exposto como negros e negras, que mal estão se segurando no momento, serão empurrados abismo abaixo. As consequências vão ser mais devastadoras para eles”, sentenciou.

Três semanas depois, a primeira leva de estatísticas sobre a pandemia nos EUA, segundo o “NYT”, mostrou que no estado da Louisiana sete em cada dez mortos pela Covid-19 eram negros. Em Chicago (Illinois), afro-americanos compõem um terço da população, mas correspondiam a 72% dos óbitos. É desfecho que espreeita o Brasil. Com o agravante de uma população muito mais numerosa, perto de 56% do total de habitantes.

Lá como cá, as estatísticas sobre incidência da pandemia por cor ou raça são deficientes. No Brasil, contaminações leves ou assintomáticas mal foram detectadas; faltam testes. Nas fichas de comunicação obrigatória dos casos graves, a informação sobre etnia é quase sempre negligenciada. Isso, até agora, inviabilizou a produção de dados sobre o perfil racial dos doentes por Ministério da Saúde, governos estaduais e prefeituras. Não à toa, a Coalização Negra por Direitos reivindicou em documento assinado por 150 organizações a apresentação dos recortes racial e de gênero. Pleito semelhante fez a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (Abrasco) em relatório com uma dúzia de recomendações para o enfrentamento à pandemia.

A crise atual tem cor e gênero. É negra e feminina. A Covid-19 aportou no Brasil pelos corpos de maior renda e pele mais clara, retrato da elite de uma sociedade assentada no racismo e profundamente desigual. A doença, que em pouco mais de um mês alcançou quase 18 mil brasileiros e beira mil mortes, está se espalhando por periferias e favelas, habitadas predominantemente por famílias negras. Na cidade do Rio, dez comunidades são classificadas formalmente como bairros pela prefeitura; até anteontem, quatro delas (Rocinha, Vigário Geral, Manguinhos e Maré) registravam seis dos 73 óbitos confirmados.

A doença e a morte ameaçam os grupos populacionais que agregam variáveis

de pobreza multidimensional. Faz tempo que organismos multilaterais elencam, além da falta de dinheiro, outras características que tornam uma família vulnerável: residências com mais de três moradores por cômodo, pouca ventilação, paredes e cobertura frágeis; falta de saneamento básico; baixa escolaridade; rede de proteção social insuficiente; dificuldade de acesso à internet.

São aspectos que, no Brasil, alcançam principalmente negros, mulheres, idosos pobres, nordestinos. Na Síntese de Indicadores Sociais 2018, o IBGE estimou que 15,5% dos negros moravam em residências com pelo menos uma inadequação, de ausência de banheiro a ônus excessivo com aluguel. No Nordeste, 30,8% dos moradores não tinham acesso à internet fixa ou móvel. É essa gente que, sem trabalho, terá de se habilitar por aplicativo de celular ou computador ao auxílio emergencial de R\$ 600 que a União vai pagar por três meses.

Negros e mulheres enfrentam as maiores taxas de desemprego. No fim do ano passado, estavam desocupados 13,5% dos pretos, contra 8,7% dos autodeclarados brancos; 13,2% delas, 9,2% deles. São também maioria entre trabalhadores domésticos, empregados sem carteira assinada, conta própria sem CNPJ. Formalizados, ocupam majoritariamente as posições sujeitas às demissões ou aos acordos de redução de salário e jornada, suspensão de contratos nos moldes da Medida Provisória 936, da precarização. Em pesquisa do ID_Br, 79% das empreendedoras negras disseram não ter reservas para enfrentar a temporada de isolamento social. São os rostos de uma crise dramática, quando não letal.

Por Flávia Oliveira

Coronavírus: como a crise provocada pela Covid-19 impacta as mulheres negras no mercado de trabalho

Luana Génot, diretora executiva do Instituto Identidades do Brasil (ID-BR), explica os resultados de um levantamento que mapeou os efeitos da pandemia na vida de empreendedoras e profissionais negras

[\(Celina/O Globo, 09/04/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Maioria entre a população brasileira, as **mulheres negras** estão entre os grupos [mais vulneráveis aos efeitos](#) da pandemia de **coronavírus**. De acordo com dados do Instituto Nacional de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), elas são 50% mais suscetíveis ao desemprego. Levando em conta esse contexto, o Instituto Identidades do Brasil (ID_BR) realizou um levantamento para entender os impactos da [crise provocada pelo Covid-19](#) para mulheres negras que atuam como **empreendedoras** ou **profissionais** em empresas nacionais e internacionais.

✘ A pesquisa, produzida em parceria com Empodera, Empregueafro e Faculdade Zumbi dos Palmares, foi realizada entre 31 de março e 2 de abril, por meio de um formulário online, e contou com 243 respondentes de 19 estados e do Distrito Federal. A maioria das participantes (72%) se encaixa no perfil das empreendedoras. Entre elas, o estudo mostrou que 79,4% não dispõem de reservas financeiras e 66,3% afirmaram não ter um planejamento estratégico anual para sua instituição.

— Quando cruzamos essas informações somadas a dados do Sebrae, que já realizou uma pesquisa sobre empreendedoras com recorte de raça, percebemos que as mulheres negras muitas vezes não empreendem por oportunidade, mas por necessidade. Isso provoca uma falta de estrutura e de planejamento. Elas não têm reserva nem planejamento anual para projetar

seu negócio diante de crises ou de situações adversas — analisa **Luana Génot**, diretora executiva do ID_BR.

O levantamento também apontou que 44% das mulheres negras empreendedoras têm recursos para manter o negócio ativo por apenas mais um mês. Mais da metade (56%) afirmou que o custo mensal médio de seu negócio está entre R\$1 mil e R\$5 mil, valor superior ao [auxílio emergencial oferecido pelo governo](#), de R\$600.

— O recurso financeiro que elas precisam está acima do valor do “coronavoucher”, então temos uma defasagem em relação aos ganhos que elas tinham e a ajuda do governo que vem para auxiliar empreendedoras nesse perfil. Esse é um dado importante, precisamos pautar ações tanto do setor público quanto privado que possam fomentar essas mulheres, se não elas vão sofrer um impacto bastante forte. Seja ajudando a conectá-las a possíveis compradores dos seus produtos e serviços ou complementando essa renda de alguma forma — defende Luana Génot.

Entre as profissionais que atuam em empresas nacionais e multinacionais, 76,5% afirmaram que o principal temor em relação ao trabalho durante a pandemia de coronavírus é perder o emprego atual. Algumas mulheres também têm medo de ficar doente e não conseguir trabalhar e outras estão receosas em relação à manutenção de ações de diversidade e inclusão no local em que estão empregadas.

“Me preocupa a continuidade dos programas de diversidade e inclusão em um cenário pós pandemia, uma vez que muitas empresas vão estar focadas em lucrar o máximo possível pra compensar o momento atual”, conta uma das entrevistadas que atua em uma empresa multinacional de bens de consumo, em depoimento apresentado no estudo.

Apoio além do financeiro

Se entre as empreendedoras a principal necessidade apontada no momento é garantir o capital de giro (48%), as profissionais empregadas em instituições nacionais e multinacionais dizem precisar sobretudo de **apoio psicológico** (39,7%) e de oportunidades de **capacitação e**

educação (27,9%).

— Lembrando que são mulheres que já vêm de uma situação de vulnerabilidade dentro do histórico do Brasil em relação ao racismo institucional. Quando ela consegue se estabelecer numa empresa e acontece uma pandemia como essa, ela tem o medo de perder o cargo e sofre um grande impacto psicológico — explica a diretora executiva do ID_BR.

As organizações que realizaram o levantamento também criaram uma **cartilha** reunindo orientações e iniciativas voltadas para apoiar mulheres negras empreendedoras e profissionais durante e após a pandemia de coronavírus, que ficará disponível no site do ID_BR. O documento ensina como se inscrever para receber o benefício do auxílio emergencial, lista opções de linhas de crédito para empreendimentos, espaços para divulgação de negócios, iniciativas de mentoria e fundos de fomento e doação.

Além disso, canais com dicas sobre finanças pessoais, capacitação, saúde mental e autocuidado também estão reunidos na cartilha, que ainda oferece opções de cultura e lazer gratuitas e conteúdos infantis para mulheres que precisam [trabalhar enquanto cuidam dos filhos](#). Para quem quer ajudar, o guia também apresenta iniciativas que estão [arrecadando doações](#).

— Com esse grande compilado de informações a gente espera ajudar essas mulheres. Muitas informações chegam por Whatsapp e a gente não sabe se são fake, então refinamos isso fazendo uma curadoria — afirma Luana Génot, e acrescenta: — Queremos por meio dessas ações, e de outras que vamos construir nas próximas semanas, chamar as empresas para conversar, sobretudo os bancos, para pautar políticas com mais especificidades às necessidades da população negra, levando em conta sua vulnerabilidade histórica.

Por Raphaela Ramos

Carta das mulheres negras sobre o covid-19 à sociedade brasileira

*Deixei o leito às 4 horas para escrever. Abri a porta e contemplei o céu estrelado. Quando o astro-rei começou despontar eu fui buscar água. Tive sorte! As mulheres não estavam na torneira. Enchi minha lata e zarpei. (...).
Carolina Maria de Jesus, 20 de Julho de 1955 - Quarto de Despejo.*

CARTA DAS MULHERES NEGRAS SOBRE O COVID-19

“DEIXEI O LEITO ÀS 4 HORAS PARA
ESCREVER. ABRI A PORTA E
CONTEMPLEI O CÉU ESTRELADO.
QUANDO O ASTRO-REI COMEÇOU
DESPONTAR EU FUI BUSCAR ÁGUA.
TIVE SORTE! AS MULHERES NÃO
ESTAVAM NA TORNEIRA. ENCHI
MINHA LATA E ZARPEI. (...)”

CAROLINA MARIA DE JESUS
20 DE JULHO DE 1955 –
QUARTO DE DESPEJO



[\(Instituto Odara, 25/03/2020 - acesse no site de origem\)](#)

Nós, mulheres negras brasileiras, apavoradas com o impacto que o Covid-19 (coronavírus) tem produzido na Europa e na China, provocamos a sociedade brasileira, governos e gestores públicos a pensar em implantar assistência emergencial para as pessoas mais vulneráveis da sociedade brasileira dos quais, nós, mulheres negras, urbanas, quilombolas, das águas, das florestas,

marisqueiras, pescadoras, trabalhadoras domésticas, profissionais do sexo, portadoras de deficiência e LBTs, somos as mais afetadas. Este documento é uma denúncia e um apelo para criação e efetivação de políticas focalizadas diante da atual conjuntura.

Por isso, fazemos um alerta a partir deste documento e relembramos alguns desastres que acometeram o país nas últimas três décadas e que resistimos bravamente, porém com muitas sequelas: o césio - 137 (maior acidente radiológico do mundo); o desastre da dengue e da chikungunya - que dos cinco tipos existentes, o Brasil já apresentou quatro, atingindo majoritariamente as populações pobres e negras; o Zika Vírus no Brasil, ainda em curso, que impactou desproporcionalmente as mulheres e as meninas negras, principalmente, na região Nordeste e expôs antigos e graves problemas de direitos humanos, incluindo o acesso inadequado à água e ao saneamento básico, as desigualdades raciais e socioeconômicas no acesso à saúde e as restrições aos direitos sexuais e reprodutivos.

Vale ressaltar que a epidemia já era notada muito antes do governo confirmar a transmissão local do Zika Vírus. Destacando que o alarme nacional e internacional trouxeram atenção aos desafios de saúde pública e direitos humanos no Brasil, ainda assim, a maioria das gestantes que foram infectadas com o Zika Vírus ainda vivem uma realidade de extrema dificuldade com seus filho (as) nascido (as) com microcefalia.

Os casos mencionados nos servem de referência para denunciar a proporção e o impacto do Covid-19 na população negra, considerado ainda sem alto poder de contágio.

Os meios de comunicação em massa insistem em apresentar orientações para o isolamento e quarentena, completamente dissociadas da realidade vivida pela população negra, de periferias e favelas deste país. Ignoram completamente que é na convivência diária, solidariedade e no apoio comunitário que, as vítimas da omissão do poder público, se sustentam. O apoio comunitário existe para essas pessoas como uma estratégia de enfrentamento às condições de pobreza, de combate aos efeitos do racismo e às desigualdades raciais.

Cientes dessa realidade, sabemos que não será possível o isolamento dos infectados em milhares de famílias que vivem amontoadas dentro de espaços com tamanho inferior a 40m², com uma média de cinco a seis residentes.

Em 2020, no Brasil, muitas mulheres negras ainda vivem como Carolina Maria de Jesus, a escritora do “Quarto do Despejo” – obra literária brasileira mais vendida no mundo. Carolina, nascida em 1914, morava com seus 3 filhos num barraco na favela do Canindé, em São Paulo, trabalhava como catadora e vendedora de materiais recicláveis e registrou neste livro as vivências da maior parte da população negra brasileira. Continuamos vivendo em quartos de despejo – favelas e periferias urbanas e rurais do Brasil.

O que diria Carolina sobre a vida na favela em tempos de pandemia? Restrita da possibilidade de trabalhar com o que muitas vezes nos resta de trabalho? Os trabalhos informais, muitas vezes insalubres e arriscados.

Perguntamos à sociedade brasileira: quarenta para quem? As famílias brancas continuam obrigando as trabalhadoras domésticas a permanecer nos locais de trabalho. Não conseguem cuidar das suas casas e dos seus filhos.

A maioria da população vive nas piores condições; vivenciam os mais altos índices de violências; ocupam os postos de trabalho informais de maior vulnerabilidade; mais de 90% das trabalhadoras domésticas do Brasil são negras e elas não estão sendo liberadas. Ou a liberação é sem remuneração; as empresas de call center no Brasil também não se posicionaram, portanto, não liberaram seus funcionários; Os supermercados e postos de gasolina no Brasil ainda não estão em regime de escalonamento. Há muitas pessoas trabalhando sem proteção.

Portanto, não cessaremos de perguntar a sociedade brasileira, quarenta para quem? Para enfrentar tamanho desastre anunciado, e evitar em paralelo a violação de outros direitos humanos básicos, exigimos que imediatamente sejam tomadas as seguintes providências de emergência focada nas pessoas mais vulneráveis, durante a quarentena:

- Acompanhamento sistemático da ação policial nos bairros periféricos e favelas;

- Monitoramento dos casos de violência doméstica, sexual e feminicídio, visto que a violência poderá ampliar nas residências;
- Acompanhamento e proteção redobradas as defensoras de direitos humanos que já vivem cotidianamente sob risco;
- Acolhimento imediato da população em condição de rua, dignas de humanidade;
- Divulgação pelos meios de comunicação dos laboratórios públicos e privados credenciados para realizar o teste de contaminação da doença;
- Garantia da realização de testes para todas as pessoas que apresentem os sintomas compatíveis;
- Mais atenção do poder público para os quadros confirmados oferecendo às vítimas melhores condições de assistência hospitalar e acesso aos medicamentos;
- Paralisação de todas as atividades laborais na indústria, comércio, prestadoras de serviços terceirizados - merendeiras, serviços gerais, (entre outr@s), do trabalho informal (camelôs, autônom@s, ambulantes); desempregad@s; com acesso a renda mínima direta ofertada pelo Estado;
- Manter a suspensão das aulas em toda a rede ensino com propostas didáticas efetivas para as perdas escolares e alternativas alimentares para as família dos\das alunos (as), com distribuição de cesta básica;
- Mapeamento das residências com maior vulnerabilidade;
- Deslocamento de famílias em situação de rua para locais seguros;
- Liberação emergencial das trabalhadoras domésticas com sistema de fiscalização e salário garantido;
- Aporte de recursos para dinamização do Sistema Único de Saúde (SUS);
- Convocação imediata de profissionais da saúde, corpo de bombeiros locais e internacionais para contribuir na contenção da pandemia;
- Investir em formas de identificação, criminalização e combate às fake news e medidas educativas à população em relação ao acesso à informação;
- Manter a população diariamente informada sobre o processo de contenção ou expansão do covid-19;

- Orientações sobre formas de proteção que levem em conta linguagem, classe, territórios e identidades para fortalecer a imunidade;

Só conseguiremos vencer este desafio singular se as medidas de prevenção e controle da pandemia forem inclusivas e verdadeiramente para todos e todas.

Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB)